

ATITUDES LINGÜÍSTICAS: A VARIANTE RETROFLEXA EM FOCO *

Cândida Mara Britto LEITE

RESUMO *O objetivo do presente estudo foi identificar e analisar as atitudes lingüísticas de alguns estudantes diante do seu próprio dialeto, particularmente em relação à pronúncia do /r/ retroflexo. Os informantes são naturais da cidade de São José do Rio Preto (SP) que têm permanecido na cidade de Campinas (SP) desde que iniciaram seus estudos na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Devido ao estigma que recobre a realização da aproximante retroflexa, pronúncia típica das cidades do interior de São Paulo, postulamos a hipótese de que os estudantes tentam acobertar essa pronúncia. Consideramos como objeto de estudo a fala informal desses estudantes e como objeto específico a variação do /r/ em posição de coda. As entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas à análise acústica, constituindo-se, então, no corpus desta pesquisa. Os resultados deste estudo demonstraram a efetividade do estigma e evidenciaram o estereótipo relacionado à variante aproximante retroflexa. Dessa forma, para não pronunciar a variante estereotipada, os estudantes “optaram” por outras variantes: a aproximante alveolar e vogal colorida. Os estudantes também julgam que as variantes aproximante alveolar e vogal colorida representam uma pronúncia “intermediária”, característica do dialeto de Campinas.*

ABSTRACT *The aim of the present study is to identify and analyze some students' language attitudes toward their native dialect. The topic of this study is the /r/ retroflex pronunciation. The students are in graduating program and they are native from São José do Rio Preto (SP) who have been living in Campinas (SP) since they began studying at State University of Campinas (Unicamp). Because the stressed stigmatization of the retroflex approximant variant, typical pronunciation from the countryside cities in São Paulo state, we suspect that the students are trying to conceal this pronunciation. Our object of study was an informal speech of these students and our specific object is the variations of /r/ in coda position. The interviews were recorded and transcribed by acoustic analyses, consisting, therefore, in the corpus of this research. The results of*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 17 de fevereiro de 2004, orientada pela Profª Drª Tânia Maria Alkmim e co-orientação da Profª Drª Maria Filomena S. Sandalo.

this study present evidence of stereotype of the retroflex approximant variant. So, in order to not pronounce a stereotyped variant, the students choose other variants: alveolar approximant and r-coloring vowel. The students also judge that the variants alveolar approximant and r-coloring vowel represents an “intermediate” form of pronunciation of Campinas dialect.

1. INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, o foco de investigação recai sobre o /r/ retroflexo e as atitudes dos informantes no que diz respeito a essa variante – que podemos considerar como a característica mais evidente do dialeto caipira e também como uma das mais estigmatizadas e, portanto, alvo de constantes comentários, chacotas e desprestígio – resultado, principalmente, das avaliações negativas das comunidades externas aos limites dialetais do /r/ retroflexo. O estigma em relação à realização do /r/ retroflexo amplamente difundido entre os falantes, tanto nas relações diárias quanto nos meios de comunicação, desperta o nosso interesse em identificar as atitudes lingüísticas de um certo número de falantes, oriundos da cidade de São José do Rio Preto, frente a essa questão.

O objetivo, neste estudo, é identificar e analisar as atitudes lingüísticas de alguns estudantes, migrantes da cidade de São José do Rio Preto¹ (SP) em direção à cidade de Campinas (SP), bem como descrever e investigar a possível alteração que esse grupo específico pode estar realizando. Tomando como objeto de estudo a fala informal desses estudantes e como objeto específico a variação do /r/ em posição de *coda*, procedemos a uma investigação dessa variante com base na hipótese de que, nesta posição, ocorre uma alteração da aproximante retroflexa² [ɻ], impulsionada por atitudes negativas em relação à fala do interior – marcando, assim, uma certa posição em relação ao falar da cidade de Campinas, apontado como um falar “intermediário”.

Há que se pensar nos motivos pelos quais uma certa variante ocupa posição de destaque em relação às demais. Qual a relação entre as variáveis sociais e as realizações proferidas pelos informantes? Além dos fatores lingüísticos, quais fatores sociais estão funcionando para o favorecimento de uma variante sobre a outra? Os falantes do dialeto em questão estão atentos a essas variações? Posicionam-se?

¹ A seleção dos informantes provenientes da cidade de São José do Rio Preto baseou-se no resultado do trabalho desenvolvido por Guiotti (2002). O resultado dessa pesquisa indicou que a variante retroflexa mantém-se ativa na comunidade de São José do Rio Preto, embora esteja presente, também, uma estigmatização em relação à pronúncia do /r/ retroflexo, tanto no uso quanto na avaliação subjetiva dos informantes.

² Cagliari (1981) registra a ocorrência da constrictiva (aproximante) retroflexa [ɻ], também conhecida como R-caipira, como variante no dialeto paulista. Para o autor, “nesse dialeto [no dialeto caipira], a constrictiva retroflexa posterior sonora [ɻ] ocorre onde, em outros dialetos, ocorre [x, r] ou [r], exceto em posição intervocálica, dentro de palavras, onde encontramos também a vibrante alveolar, como em ‘carro’”.

No momento em que reconhecemos que nenhuma forma variante ocorre sem propósito, admitimos que, sobre essa variante, já se opera um jogo social. Dessa forma, acreditamos que a investigação de um determinado comportamento lingüístico dos indivíduos que atuam em sociedade, participando desse jogo, pode revelar, por exemplo, as atitudes que impulsionam as variações lingüísticas descritas acima que se suspeita ocorrer.

2. O DIALETO CAIPIRA E A VARIANTE RETROFLEXA

Em *O Dialeto Caipira*, Amaral (1920) descreve o dialeto da antiga província de São Paulo³. Esse dialeto caipira, segundo o autor, apresentava um sistema distinto e inconfundível e era falado pela grande maioria da população. A influência desse falar se estendia à minoria culta da capital e, desde então, já era avaliado de forma pejorativa, a ponto de ser apontado como o responsável por corromper o vernáculo⁴ e considerado como vício de linguagem.

Além das inúmeras características fonéticas, sintáticas, morfológicas e do vasto vocabulário elencado por Amaral (1920) que particularizam o dialeto caipira frente ao português falado pela população letrada no Brasil do início do século XX, há também características comportamentais que marcam o modo de vida caipira⁵. Assim, conforme o autor, *o caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana*. (Amaral, 1920, p. 41)

Ao tratar das generalidades fonéticas do dialeto caipira no capítulo I do seu livro, Amaral (1920, p.45) afirma que a prosódia caipira⁶ difere da prosódia portuguesa por apresentar um *tom geral do frasear lento, plano e igual*. Além dessa qualidade, acrescenta o fato de o dialeto caipira não exibir uma variedade de flexões e de apresentar uma linguagem vagarosa com um estiramento das vogais, entre tantas outras características que se somavam às peculiaridades desse dialeto, distinguindo-o, então, da referida variedade de português considerada padrão e encontrada na fala dos habitantes cultos do Brasil no início do século XX.

³ No prefácio de *O Dialeto Caipira*, Paulo Duarte indica que os informantes de Amaral (1920) eram provenientes das regiões de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos.

⁴ Como exemplo dessa questão, Amaral (1920, p. 41) relata que, no Senado do Império, ao decidirem sobre o local para a sede dos cursos Jurídicos no Brasil, a proposta de São Paulo como lugar para um desses cursos causou objeções, pois consideravam o linguajar dos falantes nativos de São Paulo de tal forma inconveniente que poderia contaminar os futuros bacharéis que viriam de outras localidades do país.

⁵ Os genuínos caipiras são descritos por Amadeu Amaral como sendo os roceiros ignorantes e atrasados. Assim, com essa denominação, Amaral (1920) procura caracterizar o dialeto do homem do interior paulista, de hábitos simples e voltado ao meio rural.

⁶ Amaral (1920) esclarece que o termo prosódia é utilizado numa acepção lata, abrangendo o ritmo e a musicalidade da linguagem.

A pronúncia do /r/ retroflexo é apontada como característica do dialeto caipira por estudiosos da linguagem, como Amaral (1920), Rodrigues (1974), Head (1987), entre outros. Os referidos trabalhos que tratam do dialeto caipira, descrevem a articulação que envolve o /r/ típico desse dialeto de maneiras distintas. No entanto, como alerta Head (1987), embora nem todos os estudiosos o denominem como /r/ retroflexo, a exemplo de Amaral (1920)⁷, o vocábulo “retroflexo” para descrever o /r/ típico do dialeto caipira figura ao lado de “r caipira” como termos sinônimos para caracterizar a pronúncia típica desse dialeto.

O caráter retroflexo do /r/ típico do dialeto caipira, conforme descrito por Amaral (1920), demanda para a sua produção uma posição mais retraída da língua. É possível observarmos que a posteriorização da língua requerida para a produção dessa pronúncia retroflexa não se limita apenas à pronúncia do /r/, mas se estende à articulação de outros segmentos, produzindo sons retroflexos⁸ e conferindo uma qualidade de voz retroflexa ao dialeto em questão. Dessa forma, ao descrever as variações dos fonemas do dialeto caipira, Amaral (1920, p. 47) atribui ao /r/, tanto intervocálico quanto pós-vocálico, a articulação retroflexa⁹. Assim, até mesmo na posição intervocálica, própria do *tap* alveolar, como ocorre no vocábulo *arara* [arara], o autor registra a ocorrência do /r/ retroflexo [aɹaɹa].¹⁰

Dentre as características do dialeto caipira descritas por Amaral (1920), admite-se que, atualmente, algumas estejam mais restritas a determinadas regiões ou a falantes mais idosos ou ainda com pouco nível de instrução, como podemos destacar a alteração

⁷ Amaral (1920, p. 47) assim descreve o /r/, uma das variantes típicas do dialeto caipira: r inter e post-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é linguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico. Apesar de não ser denominado como retroflexo, a descrição apresentada, segundo Head (1987), deixa claro que se trata do aspecto retroflexo de articulação. Assim, a realização do /r/ caipira pode se dar através do contato entre a ponta da língua (virada para cima) e o palato ou por uma articulação posterior realizada pelo levantamento do dorso da língua, ou seja, guturalizado. Quanto a essa descrição feita por Amaral (1920), Head (1987) acrescenta que apesar da diferença entre a produção de uma consoante retroflexa (linguo-palatal) e de uma consoante gutural, é possível apontar semelhanças entre essas articulações, pois *ambas representam processos de produção num sentido posterior, com realizações mais retraídas do que seriam sem a virada da ponta da língua ou sem o levantamento do dorso.* (Head, 1987, p. 10)

⁸ Cagliari (1981) afirma que encontramos sons retroflexos no dialeto paulista e, sobretudo, no dialeto caipira. Em suas palavras: *No dialeto caipira, além da constrictiva, não é raro encontrar também sons oclusivos, nasais e laterais retroflexos.*

⁹ Concordando com a posição de Head (1987) na nota anterior de n° 7, tomo aqui a designação retroflexa ou erre retroflexo para me referir à realização descrita por Amaral (1920) como representante do dialeto caipira.

¹⁰ Assumimos aqui a transcrição da aproximante retroflexa para representar o /r/ retroflexo do dialeto caipira.

das sílabas pretônicas iniciais em que [e] aparece mudado em [i] nasal, como em *inzame* por *exame*. No entanto, grande parte das características desse dialeto descritas em *O Dialeto Caipira* está presente em todos os dialetos do Brasil, como a redução de grupos vocálicos quando seguidos de *r*, *x* ou *j* em *chêro*, por cheiro; *quêjo*, por queijo; *pêxe* por peixe, entre outras¹¹. Esta última e outras tantas características desse dialeto descritas por Amaral (1920) fazem parte do português falado no Brasil de tal forma que não há mais como entendê-las enquanto particulares de um dialeto em especial.

É sabido que muito das características do dialeto caipira, particularmente a qualidade de voz retroflexa desse dialeto, perdeu-se com o passar do tempo. Para Amaral (1920) o desenvolvimento da população, a intensificação do comércio, enfim, o contato da província de São Paulo com outras localidades, entre outras causas, contribuiu para que o dialeto caipira sofresse grandes alterações. Dessa forma, se em 1920 Amadeu Amaral já indicava que exemplos do dialeto caipira só poderiam ser encontrados em pequenas localidades, o que se percebe atualmente é que uma das marcas que se mantém enquanto representativa desse dialeto é a pronúncia retroflexa do /r/, o chamado /r/ caipira¹².

3. CRITÉRIOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA PESQUISA

3.1. Considerações metodológicas

As pesquisas sobre atitudes lingüísticas, segundo Saviile-Troike (1982), podem estar relacionadas a trabalhos que visam, principalmente, ao estudo de atitudes: (i) diante de línguas estrangeiras, focalizando o impacto na aprendizagem de tais línguas; (ii) relacionadas ao contato entre línguas vizinhas com atenção especial aos efeitos causados pelo empréstimo lexical, por exemplo; (iii) manifestadas diante de certas classes sociais e diante das variedades lingüísticas faladas por estas classes sociais e (iv) diante de certos grupos raciais ou minoritários e sua língua.

Neste trabalho, a perspectiva qualitativa no que diz respeito às questões metodológicas foi a escolhida por entender que estamos lidando com questões delicadas, que envolvem juízos de valor. Assim, optamos por tentar “captar” as atitudes dos informantes através de conversas que versavam sobre questões que envolviam tanto o dia-a-dia de qualquer graduando quanto aquelas que os convidavam a opinar sobre

¹¹ As descrições estão grafadas conforme consta em Amaral (1920, p. 50).

¹² Talvez ainda possam ser encontrados exemplos do /r/ caipira (particularmente de sua realização linguo-palatal, conforme descreve Amadeu Amaral) além de toda a retroflexão que caracterizava a pronúncia dos verdadeiros falantes desse dialeto, no interior paulista, fazendo parte do idioleto de falantes mais velhos. Assim, não pretendemos afirmar que a variante retroflexa que nos dias atuais pode ser apontada como representativa do dialeto paulista tenha as mesmas características da variedade descrita por Amaral (1920).

questões de linguagem. Assim, os informantes, em boa parte do tempo, conduziram a conversa de maneira que delimitavam o que e como se expressavam.

A grande maioria das pesquisas realizadas que têm como foco o estudo de atitudes lingüísticas, mesmo no âmbito da Sociolingüística, freqüentemente usam a técnica *matched-guise*¹³ para captar as atitudes, e também para medi-las, e acabam por privilegiar um método reducionista para tratar de questões relacionadas à linguagem e ao comportamento humano. O fato de não termos apresentado nenhum modelo de ficha para análise ou medição de atitudes deu margem a que os informantes falassem além do esperado, enriquecendo os depoimentos.

A respeito da técnica *matched-guise*, Schlieben-Lange (1993, p. 94) afirma ser este o instrumento mais conhecido e utilizado entre os estudiosos, lingüistas e psicólogos sociais, para a compreensão de atitudes lingüísticas. Apesar da vasta difusão da referida técnica, a autora alega a ineficiência dessa quando aplicada para elucidar as atitudes lingüísticas, pois, do seu ponto de vista, todo o âmbito do “falar e saber sobre línguas” acaba sendo interpretado erroneamente de forma homogênea.

É importante registrar que, antes da realização da entrevista definitiva, foi realizada uma enquete composta de 28 questões – também baseada em entrevistas – com seis informantes com o intuito de investigar a opinião de alguns paulistas, campineiros e não-campineiros, a respeito da questão levantada como hipótese deste trabalho. O resultado dessa investigação revelou que a maioria dos entrevistados suspeita que esteja ocorrendo uma alteração na fala daqueles que migram do interior paulista em direção à cidade de Campinas. Acrescentaram, ainda, que a cidade de Campinas, dentre as demais do interior paulista, ocupa um lugar de destaque no contexto sócio-econômico no país.

Para esta pesquisa, foram selecionados oito informantes, todos alunos da graduação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp – sendo quatro homens e quatro mulheres. Destes, quatro são alunos que estão iniciando a graduação e os demais são concluintes, ou, seja, estão residindo em Campinas há, pelo menos, quatro anos. A seleção desses informantes foi feita observando-se o critério de os informantes terem nascido em São José do Rio Preto e de terem residido nesta cidade até sua vinda para Campinas. Os informantes estão inclusos em uma faixa etária que varia entre 19 e 25 anos.

O *corpus* desta pesquisa é constituído de entrevistas não-diretivas compostas por questões de opinião que foram baseadas em dois roteiros com as mesmas questões para todos os informantes. Todas as gravações ocorreram numa sala acusticamente tratada no Laboratório de Fonética e Psicolingüística Experimental do IEL/ UNICAMP. Em seguida, também no LAFAPE, os dados foram digitalizados no CSL Modelo 4300B da

¹³ A técnica *matched-guise* permite a manipulação de “dicas” (*cues*) de características lingüísticas e/ ou sociais sobre uma determinada língua ou dialeto com o intuito de observar as reações de outras pessoas a respeito dessas características ou variações.

Kay Elemetrics. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas, segmentadas manualmente e submetidas à análise acústica.

A análise acústica foi empreendida no intuito de responder à questão sobre o que ocorre com o /r/ na posição de *coda* silábica na fala desses informantes. A suposta alteração estaria ocorrendo? Quais as variantes que figurariam em concorrência com a aproximante retroflexa? Além disso, há o interesse de averiguar, a partir dessas análises, se os depoimentos dos falantes condizem com a referida análise. Assim, a análise acústica poderia nos ajudar a identificar, através da inspeção dos espectrogramas, quais as variantes proferidas pelos informantes. Dessa forma, poderíamos verificar se o falante realmente realiza a variante a que almeja ou se continua a realizar a variante estigmatizada, embora afirme o contrário em seus depoimentos, por exemplo.

4. DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO ACÚSTICA DAS VARIANTES

A inspeção das características temporais dos dados coletados revelou que tanto os alunos ingressantes quanto os alunos concluintes realizam as mesmas variantes de /r/ em posição de *coda* silábica. Dessa forma, ocorre uma co-variação entre aproximante retroflexa, aproximante alveolar, vogal colorida, aproximante palatal¹⁴ e *tap* alveolar. Para caracterização de tais variantes¹⁵, baseamo-nos nos critérios adotados por Ladefoged (1975), Ladefoged e Maddieson (1996) e Lindau (1980a; 1980b).

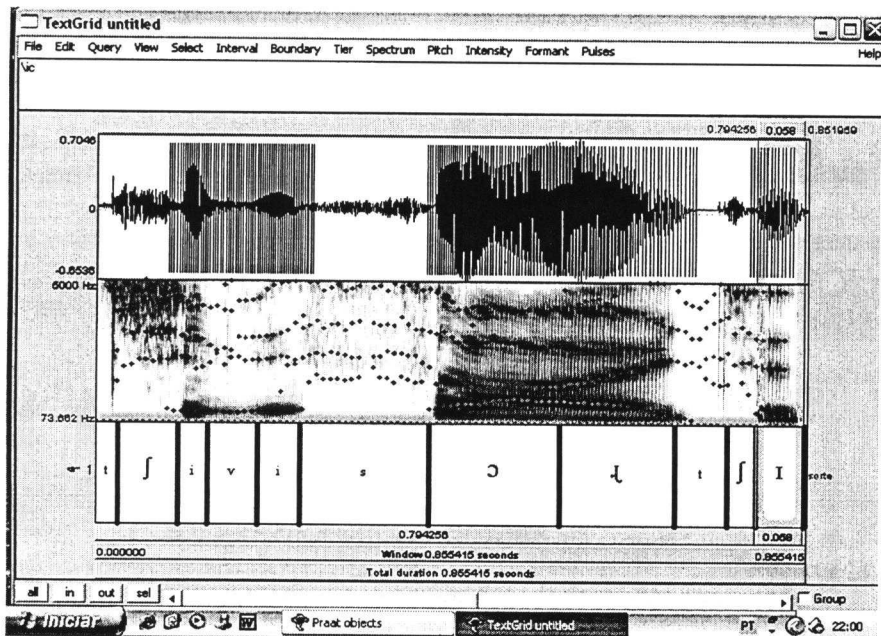
A variante aproximante retroflexa é a que prevalece em número de ocorrência nos dados dos alunos ingressantes, naturais de São José do Rio Preto, correspondendo a 49%. Trata-se da variante estigmatizada, rotulada pelos informantes como um erre “puxado”, que lhes causa vergonha, como pode ser visto nos depoimentos. O correlato acústico que caracteriza a aproximante retroflexa corresponde a um abaixamento do terceiro formante (doravante F₃) que se aproxima do segundo formante (doravante F₂), como pode ser visualizado, abaixo, no espectrograma¹⁶ 1 onde se lê “tive sorte”:

¹⁴ Neste trabalho não vamos nos ater a essa variante. A intenção é registrar sua ocorrência nos dados que correspondem a um percentual de 4% da amostra total. Será necessário efetuar um estudo mais amplo para que possamos melhor caracterizar a ocorrência dessa variante, aqui representada como sendo uma aproximante palatal [j].

¹⁵ Nos deteremos às três primeiras variantes, a saber: aproximante retroflexa, aproximante alveolar, vogal colorida.

¹⁶ Devido à extensão deste artigo, este será o único espectrograma a ser exibido.

Espectrograma I – aproximante retroflexa



Além dessa variante, há a aproximante alveolar, que tem como correlato acústico um levantamento do terceiro formante, chegando a se aproximar do quarto formante. O número de ocorrências da aproximante alveolar corresponde entre os alunos ingressantes a uma porcentagem de 18%, enquanto entre os alunos concluintes esse número é de 8%. Essa variante é avaliada pelos informantes como sendo “menos marcada” socialmente, se comparada com a aproximante retroflexa. Dessa forma, avaliam positivamente a ocorrência da variante aproximante alveolar.

A partir da análise acústica dos dados, foi possível verificar um número de ocorrências da variante vogal colorida, correspondendo a 33% (25% para os alunos ingressantes e 47% para os alunos concluintes) em relação à amostra total, referente à realização de todos os informantes. Ao contrário do que acontece com os espectrogramas em que é possível visualizar o correlato acústico que caracteriza a retroflexão (F_2 próximo de F_3) de maneira clara ladeado pela vogal, o que prevalece na variante vogal colorida são os padrões formânticos da vogal, alterados em seus valores de frequência por estarem coarticulados, acompanhados da propriedade auditiva de retroflexão que pode ser percebida em quase toda a extensão da vogal ou apenas no final desta – ocorrência mais freqüente, além de uma pequena proximidade entre F_2 e F_3 . Assim, parece haver

uma coarticulação¹⁷ entre a vogal e o /r/ de forma que não é possível identificar pelos padrões formânticos nem exatamente a vogal, nem o /r/.

Os alunos ingressantes, que estão em Campinas há menos de um ano, realizam a variante aproximante retroflexa em maior número (49%), enquanto os alunos concluintes, há quatro anos em Campinas, apresentam um maior número de ocorrências da variante vogal colorida (47%).

A análise acústica foi bastante elucidativa porque através desta foi possível perceber que, quando os informantes de São José do Rio Preto tentavam caracterizar a realização do /r/ que julgavam como típica do campineiro, a variante que estes informantes realizavam se aproximava de uma aproximante alveolar ou mesmo de uma vogal colorida, mas nunca se parecia com uma aproximante retroflexa, por exemplo. Assim, pudemos verificar que os informantes, de fato, podem perceber a realização do /r/ campineiro como distinta daquela que predomina em seu dialeto e tentam reproduzi-la. Para esses informantes as variantes aproximante alveolar e vogal colorida são mais prestigiosas que a aproximante retroflexa. Essa opção se justifica se considerarmos o estigma que recobre a pronúncia retroflexa.

5. ATITUDES LINGÜÍSTICAS: CONCEPÇÃO TEÓRICA E ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

5.1 Concepção teórica

Ao considerar a língua em interação social, provavelmente, iremos nos deparar com uma complexidade de questões que podem nos conduzir a caminhos diversos no intuito de descrever, de tentar entender a efervescência que subjaz a cada questão que se apresenta. No exercício de tentar compreender as “opções” feitas pelos indivíduos entrevistados no que se refere à alteração do /r/ em posição de *coda*, fez-se necessário pensar em conceitos como *atitudes*, *saber lingüístico*, *discurso público sobre a língua e estereótipos*.

As atitudes lingüísticas manifestadas pelos informantes desta pesquisa são analisadas a partir da proposta de Schlieben-Lange (1993), principalmente. Para a autora, é preciso observar que duas coisas distintas estão em jogo em relação a atitudes: (i) um saber sobre a língua – um saber que, na maioria das vezes, permanece implícito, que raras vezes se torna explícito e que afeta tanto as unidades de uma determinada língua

¹⁷ O termo coarticulação, segundo Kent e Read (1992), refere-se ao fenômeno na fala no qual os atributos de sucessivas unidades de fala se sobrepõem em padrões acústicos ou articulatórios. Isto é, um traço de unidade de fala pode ser antecipado durante a produção de uma unidade anterior a esse segmento (coarticulação antecipatória) ou pode ser que as características sejam verificadas no segmento seguinte (coarticulação perseveratória).

como também as suas possibilidades de uso e (ii) um discurso público sobre língua – relativo às línguas e à fala – que, ao longo de amplos períodos, pode ser transmitido, embora esteja superado pela prática e experiência lingüística. Apesar de ter ressaltado duas questões distintas a serem observadas, explica que nas enunciações há a penetração de elementos dos dois âmbitos acima esboçados.

Os estereótipos são entendidos pela referida autora como sendo os argumentos desse discurso público, ou dos vários discursos públicos que concorrem entre si, argumentos estes facilmente disponíveis e incorporáveis. Vale ressaltar que este é um termo recorrente e imprescindível para a abordagem de atitudes lingüísticas.

5.2. O dialeto caipira e o /r/ retroflexo estereotipados

Para os informantes, caipira é alguém que tem pouca instrução, modos de vida mais simples, protótipo diferente daquele que caracteriza o cidadão metropolitano. Para todos os informantes essa caracterização é pejorativa e o adjetivo “caipira” certamente não escapa a avaliações negativas por parte dos falantes que convivem sob esse rótulo. Quando convidados a falar sobre essa designação e sobre um possível modo de caracterizar alguém pelo modo de falar enquanto caipira, apresentaram respostas como a seguinte:

(1)

C. S. (F – 20 anos): ah: (+) com certeza' sim (+) é:: sim (+) é porque:: (+) ah: seu caipira' sabe" (+) você não é da grande cidade (+) você é um CAIPIRA' um bicho do mato que não sabe nada' sabe" (+) nós somos / vocês são ignora::ntes porque vem da roça (+) é o que eu vejo assim (+) não que (+) mas é assim (+) é o que tem me passado desde que eu era pequenini::nha assim (+) eu fui criada com essa / tendo essa visão do que é um caipira e do que é a pessoa que mora num grande ce::ntro (+) às vezes caipira também pode ser aquela pessoa tí::mida' né" do interior.

Para outros informantes, o estigma é tão forte que estes preferem entender a designação “caipira” como sendo característica da região Nordeste, paisagem bem diversa da origem destes informantes. O que se verifica é que o informante lança mão desse argumento para se livrar da estigmatização, como podemos demonstrar no depoimento abaixo:

(2)

M. T. (M – 20 anos): ah: porque tem o termo técnico (+) caipira' né" (+) nem é daqui' né" (+) é do Nordeste e tudo (+) ah: eu acho que depende do jeito que você fala.

Esse informante não se reconhece como caipira e vale-se desse argumento para se livrar de tal adjetivação. Essa negação aparece também em outras declarações manifestada através de outros argumentos.

Entendendo o estereótipo nos termos de Schlieben-Lange (1993), como sendo o argumento do discurso público sobre a língua, ou dos discursos públicos que concorrem

entre si, é possível observar no próximo exemplo uma evidência de que há uma crença compartilhada socialmente, ainda que de maneira simplificada, indicando o quanto o dialeto caipira, particularmente a pronúncia¹⁸ do /r/ típico desse dialeto, é passível de chacotas, críticas, avaliações negativas, enfim:

(3)

L. T. (F – 24 anos): hoje eu tava vendo até de manhã aquele programa da Ana Maria Braga (+) aí uma mulher ligou pra lá e tinha um sota / um errezinho bem puxado (+) e a Ana Maria tava imitando ela. Todo mundo riu.

Podemos dizer que o riso da platéia do referido programa mencionado no depoimento da informante traduz o estigma compartilhado pelos participantes ali presentes e por tantos outros interlocutores que assistiam ao programa.

5.3. Atitudes dos informantes: concepção da pronúncia ideal

A estigmatização sofrida pelos graduandos naturais da cidade de São José do Rio Preto que chegam para morar em Campinas pode ser confirmada através do depoimento de K. F. (F – 19 anos) como resposta¹⁹ à seguinte pergunta: “Já ocorreu de alguém imitá-lo quanto ao modo de falar? Em caso positivo, o que você sentiu? Em caso negativo, como seria a sua reação?”:

(4)

K. F. (F – 19 anos): sim (+) ((risos)) ah:: eles imitam assim (+) no caso do erre (+) é sempre assim (+) qualquer coisa que eu falo (+) que eu puxo demais o erre (+) todo mundo (+) ei interior ((pronuncia caracterizando a aproximante retroflexa estigmatizada)) (+) todo mundo fala assim ((risos)).

O que prevalece nos depoimentos dos informantes é a atitude manifestada no sentido de alcançar, assim como os campineiros, um falar “intermediário”. Diante da estigmatização sofrida, expressam o desejo em alcançar um padrão “intermediário” no que se refere à pronúncia do /r/ retroflexo, já que esta pronúncia é apontada por todos os informantes como uma variante desprestigiada. Assim, a mudança quanto à pronúncia do /r/ retroflexo que quase todos os informantes relatam pode ser ilustrada através de depoimentos como o apresentado a seguir:

¹⁸ É interessante observar o quanto a referência à pronúncia do /r/ retroflexo é recorrente nos depoimentos dos informantes. Para alguns, apenas o erre “marcado” é apontado como a grande diferença entre o dialeto típico do interior de São Paulo e o da capital. Devido à extensão desse texto, limitamo-nos a citar apenas esse exemplo.

¹⁹ Há um roteiro de entrevista (em anexo) em que foram abordadas questões, mais ou menos na mesma ordem, mas a dinâmica da conversa travada com os informantes constantemente era alterada, não obedecendo a uma ordem pergunta-resposta. Dessa forma, indico essa resposta a uma determinada pergunta mesmo sabendo que entre a indagação feita por mim e o depoimento citado pelos informantes havia muitas outras interlocuções.

(5)

M. T. (M – 20 anos): *então' né" (+) como a gente / convivo com várias pessoas de vários lugares (+) a tendência é ir acabando o sotaque da MINHA região (+) é:: encontrando aquele intermediário' né" (+) conforme o tempo.*

O resultado das entrevistas indica que a maioria desses informantes aspira a uma forma intermediária, forma esta, segundo eles, falada em Campinas. Os informantes, portanto, elegeram a pronúncia de Campinas como sendo uma pronúncia ideal e “menos marcada” socialmente. Para Fischer (1958, p. 93), o fato de um falante adotar uma variante em detrimento de outra não é aleatório, não significa que este tenha feito a opção pela forma mais fácil de pronunciar e nem que a opção venha a facilitar alguma distinção importante no significado denotativo, *mas porque expressa o que sentem quanto ao seu status em relação a outros falantes.*

A variante que prevalece nos dados referentes aos alunos ingressantes, é a aproximante retroflexa, pronúncia típica do dialeto caipira do interior de São Paulo. Ao comparar o falar de São José do Rio Preto, representando aqui o dialeto do interior paulista, com o do campineiro, os informantes apontaram uma diferença entre eles e afirmaram que o falar do campineiro detém mais prestígio do que o seu próprio falar, o de São José do Rio Preto. O argumento que sustenta tal afirmação é a pujança econômica e a notoriedade político-social que os centros mais desenvolvidos detêm.

O informante M. T. (M – 20 anos) compara a pronúncia do erre dos campineiros com a pronúncia que é exibida nas redes de televisão, particularmente a rede Globo. No entanto, a variante (ou as variantes), que fazem parte do inventário fonético dos apresentadores da televisão carioca (fricativa velar ou mesmo fricativa glotal), é bem distinta das variantes que poderiam estar sendo realizadas pelos falantes da cidade de Campinas. Podemos postular que o informante apenas expressa com o seu comentário o prestígio atribuído pela mídia a certas dialetações, assim como manifesta o desejo em atingir um padrão menos marcado socialmente e, como consequência, mais prestigioso. Dessa forma, por identificarem Campinas a essa pronúncia menos marcada, e, portanto, detentora de maior *status*, almejam falar como os campineiros. O depoimento seguinte traduz bem a opinião que prevaleceu nas entrevistas:

(6)

M. T. (M – 20 anos): *ah: não pode ter os exageros' né" (+) falar muito porta' assim (+) puxar muito o r (+) ou tremer' tremer muito o r (+) tem que ser o equilibrado.*

(7)

M. T. (M – 20 anos): *campineiro" (+) nossa (+) não sei (+) não sei (+) é aquele (+) aquele intermediário (+) que eu acho O IDEAL (+) é o intermediário eu acho até.*

Na tentativa de acobertar a pronúncia retroflexa, que é característica do dialeto da cidade de São José do Rio Preto, os informantes privilegiam as variantes aproximante alveolar e vogal colorida. Estas variantes são as que parecem ocorrer com maior

frequência na fala dos campineiros²⁰ e são percebidas pelos informantes, que chegam a tentar descrever tais realizações em seus depoimentos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados mostrou-nos que os informantes privilegiam a realização das variantes aproximante alveolar e vogal colorida em detrimento da variante aproximante retroflexa, característica do dialeto de São José do Rio Preto. A análise das atitudes manifestadas pelos informantes em seus depoimentos revelou que essa “opção” por parte dos estudantes denota a estigmatização que recobre a variante aproximante retroflexa, bem como a avaliação das variantes aproximante alveolar e vogal colorida como ideais por serem menos marcadas socialmente. Assim, os estudantes reconhecem que em Campinas há um padrão “intermediário” em relação à pronúncia do /r/ e o elege como uma “pronúncia ideal”, prestigiosa. Na tentativa de alcançar esse padrão intermediário, alteram a pronúncia da variante aproximante retroflexa buscando acobertar a pronúncia estereotipada, confirmando, então, a hipótese deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, T. (2001). Sociolinguística: Parte I. In: MUSSALIM, F. & BENTES A.C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, v.1. São Paulo: Cortez.
- AMARAL, A. (1920). *O Dialeto Caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: HUCITEC, 4. ed. 1982.
- CAGLIARI, L.C. (1981). *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. Tese (Livre Docência) Universidade Estadual de Campinas.
- CUNHA, C. (1968). *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 3. ed., 1972.
- FISCHER, J.L. (1958). Influências Sociais na Escolha de Variantes Linguísticas. In.: FONSECA, M. S. e NEVES, M. F. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- GUIOTTI, L.P. (2002). *O Estudo da Variante Retroflexa na Comunidade de São José do Rio Preto*. Dissertação de Mestrado, UNESP, São José do Rio Preto.
- HEAD, B.F. (1987). Propriedades Fonéticas e Generalidades de Processos Fonológicos: o caso do “R Caipira”. In.: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 13. Campinas, p. 5-39.

²⁰ Ao analisarmos acusticamente a fala de dois campineiros, pudemos observar que as variantes do /r/ em posição de coda silábica que esses informantes produzem são as mesmas encontradas nos dados analisados referente aos informantes de São José do Rio Preto. Contudo, o que prevalece é a ocorrência de uma aproximante alveolar e de uma vogal colorida, percebidas pelos informantes de São José do Rio Preto como detentoras de maior prestígio se comparadas à aproximante retroflexa.

- KENT, R. & READ, C. (1992). *The Acoustic Analysis of Speech*. San Diego: Singular Publishing Group Inc.
- LABOV, W. (1964). Estágios na Aquisição do Inglês Standard. In.: FONSECA, M.S. & NEVES, M.F. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- _____. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press.
- LADEFOGED, P. (1975). *A Course in Phonetics*. New York: Harcourt College Publishers, 4. ed.
- LADEFOGED, P. & MADDIESON, I. (1996). Rhotics. In.: *The Sounds of the World's Languages*. Blackwell Publishers, Oxford. p. 215-245.
- LAMBERT, W.E.; HODGSON, R.; GARDNER, R.C. & FILLENBAUM, S. (1960). Evaluational Reactions to Spoken Languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology* 60, 44-51.
- LINDAU, M. (1980a). Phonetic Differences in Nigerian Languages. *UCLA Working Papers in Phonetics* 51. p. 105-113.
- _____. (1980b). The story of /t/. *UCLA Working Papers in Phonetics* 51. p. 114-119.
- RODRIGUES, A.N. (1974). *O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba*. São Paulo: Ática.
- SAVILLE-TROIKE, M. (1982). Attitudes toward Communicative Performance. In: *The Ethnography of Communication*. Oxford: Brasil Blackwell, 1989.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. (1993). *História do Falar e História da Lingüística*. Tradução: Fernando Tarallo et al. Campinas: Ed da Unicamp.
- SMITH, D.M. (1973). Language, Speech and Ideology: a conceptual framework. In.: SHUY, R.W. e FASOLD, R.W. (Orgs.). *Language Attitudes: current trends and prospects*. Washington, Georgetown University Press.